

A INFLUÊNCIA FRANCO-BRITÂNICA E SUAS RAMIFICAÇÕES: DESVENDANDO AS ORIGENS DO CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

French-British influence and its ramifications: unraveling the origins of conflict in the Middle East

La influencia franco-británica y sus ramificaciones: desentrañar los orígenes del conflicto en Oriente Medio



Edinaldo Enoque da Silva Júnior 

Secretaria do Estado de Educação de Santa Catarina (SED/SC)
E-mail: enoquejr@gmail.com

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo 

Universidade Católica de Brasília (UCB)
E-mail: gilvan.araujo@p.ucb.br

Jenerton Arlan Schütz 

Universidade Católica de Brasília (UCB)
E-mail: jenerton.schutz@p.ucb.br

RESUMO

Histórico do artigo

Recebido: 18 maio, 2025
Aceito: 26 setembro, 2025
Publicado: 26 outubro, 2025

Este artigo tem como objetivo analisar a influência das intervenções imperiais franco-britânicas na configuração geopolítica do Oriente Médio e nas origens de seus conflitos contemporâneos. Apoando-se em um referencial teórico que articula a geopolítica e os estudos pós-coloniais, a pesquisa utiliza uma metodologia de análise histórica, fundamentada em revisão bibliográfica, para investigar marcos decisivos como o Acordo Sykes-Picot, que delineou fronteiras arbitrárias, e a Declaração de Balfour, que prometeu um “lar nacional para o povo judeu”. Como principais resultados, a análise demonstra que essas intervenções não apenas dividiram comunidades, ignorando suas identidades culturais, mas também deixaram um legado de instabilidade, conflitos étnicos e rivalidades regionais. As ocupações no Iraque, Síria e Líbano, por exemplo, são apontadas como fatores que contribuíram para a formação de dinâmicas políticas desafiadoras. Conclui-se que o legado dessas ações históricas ressoa diretamente nos desafios atuais da região e que o conhecimento aprofundado dessas raízes é fundamental para informar estratégias eficazes de resolução de conflitos, promovendo uma visão mais colaborativa para um futuro de coexistência e paz.

Palavras-chave: Intervenções imperiais; Oriente Médio; Conflitos; Acordo Sykes-Picot; Declaração de Balfour.

<https://doi.org/10.33237/2236-255X.2025.7114>



ABSTRACT

This article aims to analyze the influence of French-British imperial interventions on the geopolitical configuration of the Middle East and the origins of its contemporary conflicts. Based on a theoretical framework that articulates geopolitics and post-colonial studies, this study employs a historical analysis methodology, grounded in a bibliographic review, to investigate pivotal events such as the Sykes-Picot Agreement, which delineated arbitrary borders, and the Balfour Declaration, which promised a "national home for the Jewish people." As its main results, the analysis demonstrates that these interventions not only divided communities while disregarding their cultural identities, but also left a legacy of instability, ethnic conflicts, and regional rivalries. The occupations in Iraq, Syria, and Lebanon, for example, are identified as factors that contributed to the formation of challenging political dynamics. It is concluded that the legacy of these historical actions directly resonates with the region's current challenges and that an in-depth knowledge of these roots is fundamental to informing effective conflict resolution strategies, promoting a more collaborative vision for a future of coexistence and peace.

Keywords: Imperial interventions; Middle East; Conflicts; Sykes-Picot Agreement; Balfour Declaration.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la influencia de las intervenciones imperiales franco-británicas en la configuración geopolítica de Oriente Medio y en los orígenes de sus conflictos contemporáneos. Apoyándose en un marco teórico que articula la geopolítica y los estudios poscoloniales, la investigación utiliza una metodología de análisis histórico, fundamentada en una revisión bibliográfica, para investigar hitos decisivos como el Acuerdo Sykes-Picot, que delineó fronteras arbitrarias, y la Declaración Balfour, que prometió un «hogar nacional para el pueblo judío». Como principales resultados, el análisis demuestra que estas intervenciones no solo dividieron a las comunidades, ignorando sus identidades culturales, sino que también dejaron un legado de inestabilidad, conflictos étnicos y rivalidades regionales. Las ocupaciones en Irak, Siria y Líbano, por ejemplo, se señalan como factores que contribuyeron a la formación de dinámicas políticas desafiantes. Se concluye que el legado de estas acciones históricas resuena directamente en los desafíos actuales de la región y que el conocimiento profundo de estas raíces es fundamental para informar estrategias eficaces de resolución de conflictos, promoviendo una visión más colaborativa para un futuro de coexistencia y paz.

Palabras clave: Intervenciones imperiales; Oriente Medio; Conflictos; Acuerdo Sykes-Picot; Declaración de Paz.

1 INTRODUÇÃO

No período pós-Primeira Guerra Mundial, as mudanças geopolíticas e o desmoronamento dos impérios tradicionais abriram caminho para um redesenho significativo do mapa global. Entre as potências europeias que desempenharam papéis cruciais nesse processo estavam a França e o Reino Unido, cuja influência se estendeu de maneira marcante sobre o Oriente Médio, na esteira de perspectivas geopolíticas do período como a área-pivô central no continente europeu. Esse cenário histórico tumultuado



forjou decisões que, em última instância, contribuíram para a complexidade e as tensões que caracterizam o atual conflito na região.

A França e o Reino Unido, como vencedores da Grande Guerra, assumiram posições dominantes na reconfiguração do Oriente Médio. Suas decisões estratégicas moldaram não apenas as fronteiras geográficas, mas também estabeleceram as bases para disputas políticas, étnicas e territoriais que perduram até os dias atuais. O impacto da intervenção dessas potências reverbera nas dinâmicas complexas que testemunhamos na região, desde conflitos territoriais até tensões sectárias.

O propósito deste artigo é desvelar as relações intrincadas entre a França, o Reino Unido e a trama geopolítica do Oriente Médio contemporâneo. Ao examinar as decisões tomadas no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, buscamos entender como as escolhas geopolíticas e estratégicas dessas potências contribuíram para a instabilidade que caracteriza a região atualmente. Exploraremos as nuances dos acordos, como o Sykes-Picot e a Declaração de Balfour, que delinearam fronteiras e estabeleceram compromissos, mas que, por sua vez, semearam as sementes de disputas e desafios persistentes. Para atingir os objetivos propostos, este artigo emprega uma abordagem qualitativa, fundamentada no método histórico-analítico. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica de fontes acadêmicas e especializadas em geopolítica e na história do Oriente Médio. Essa metodologia permite uma análise aprofundada dos principais eventos, como o Acordo Sykes-Picot e a Declaração de Balfour, e a interpretação de suas ramificações de longo prazo, conectando as ações das potências europeias aos conflitos contemporâneos que marcam a região.

Em última análise, esse exame histórico visa lançar luz sobre a intricada teia de eventos que formaram o Oriente Médio moderno, oferecendo perspectivas críticas para compreender o contexto atual e, potencialmente, contribuir para um diálogo mais informado sobre soluções e abordagens para a região.

A reorganização do Oriente Médio após a Primeira Guerra Mundial foi marcada por uma série de acordos e tratados, cada qual deixando uma marca indelével na região. O Acordo Sykes-Picot, forjado nas salas de negociação europeias, delineou fronteiras que muitas vezes ignoraram considerações étnicas, culturais e religiosas locais. Essa divisão arbitrária, longe de refletir as realidades da região, alimentou ressentimentos e rivalidades que persistem até hoje.

A Declaração de Balfour, por sua vez, introduziu uma dimensão adicional à equação, ao prometer o estabelecimento de um "lar nacional para o povo judeu" na Palestina. Essa promessa, embora destinada a ganhar apoio sionista e angariar favores internacionais, gerou fricções profundas com as comunidades árabes já estabelecidas na região. A questão palestina, enraizada na Declaração de Balfour, tornou-se um ponto central de tensão, desencadeando conflitos que se estendem desde o Mandato Britânico até os dias de hoje.

As ocupações imperialistas da França e do Reino Unido, enquanto buscavam consolidar suas esferas de influência, moldaram diretamente o curso dos eventos no Oriente Médio. A exploração de recursos, a imposição de governos pró-ocidentais e a manipulação de fronteiras contribuíram para a instabilidade política que caracterizou muitos países da região ao longo do século XX. A Síria, o Líbano e o Iraque, por exemplo, viram-se mergulhados em conflitos internos e instabilidade governamental, em grande parte devido à herança das ocupações coloniais.

À medida que exploramos esses episódios históricos, torna-se evidente que a configuração atual do Oriente Médio é intrinsecamente ligada às intervenções passadas das potências europeias. As escolhas feitas por França e Reino Unido, embora movidas por interesses estratégicos na época, reverberam de maneira complexa e muitas vezes destrutiva na vida das pessoas da região. Reconhecer a conexão entre o passado colonial e os desafios atuais é imperativo para uma abordagem holística e informada das dinâmicas do Oriente Médio. Essa reflexão histórica é essencial para avançar em direção a uma compreensão mais profunda e, talvez, a soluções mais justas e sustentáveis para a região.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

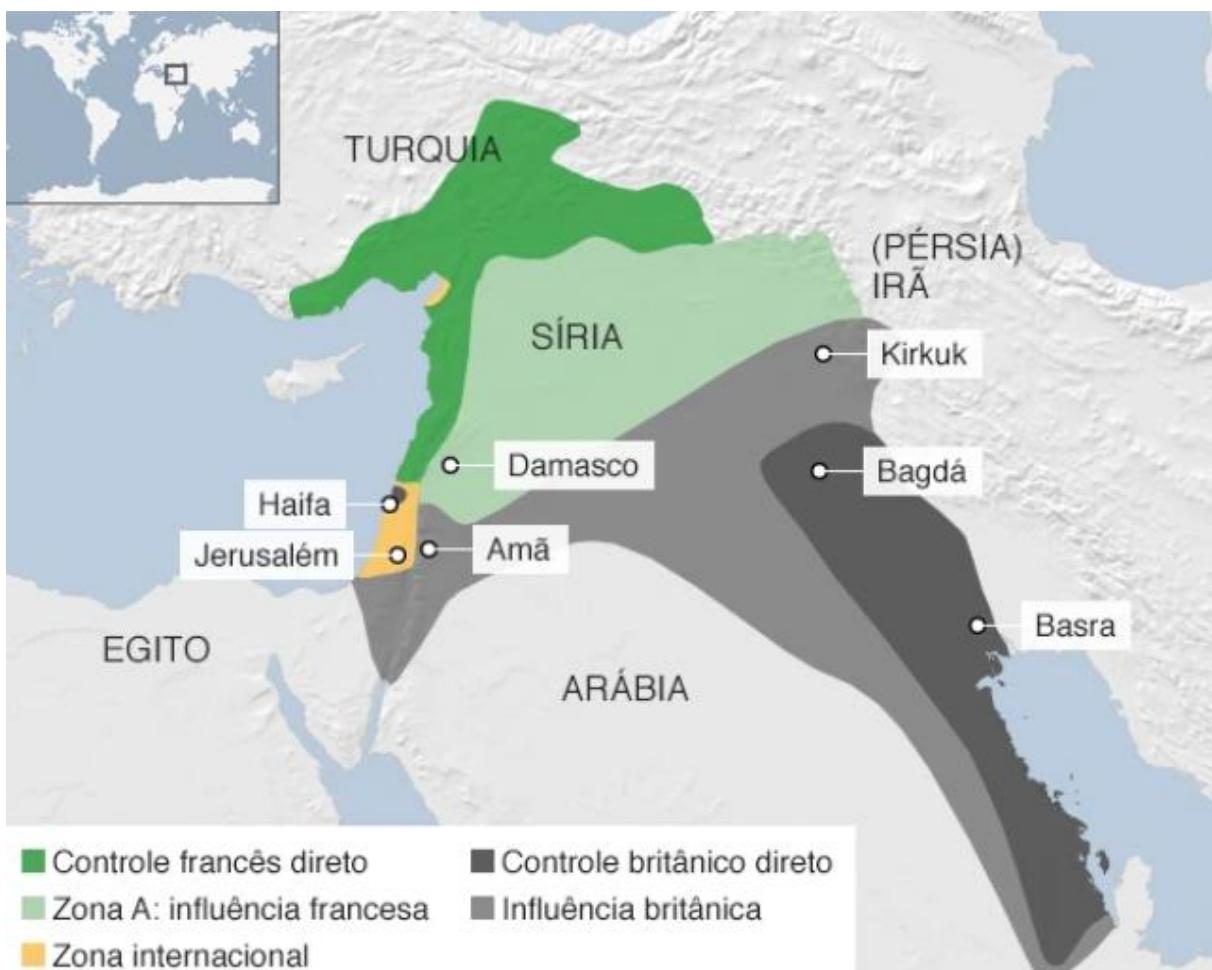
O período pós-Primeira Guerra Mundial testemunhou uma Europa exausta e em transformação, onde as potências vitoriosas buscavam redefinir as fronteiras e consolidar sua influência global. “A desintegração dos impérios centrais e a ascensão dos movimentos nacionalistas criaram um cenário propício para a reconfiguração geopolítica” (Fromkin, 2008, p. 40). No contexto específico do Oriente Médio, as motivações das potências europeias, notadamente França e Reino Unido, eram impulsionadas por uma combinação de interesses estratégicos, geopolíticos e econômicos.

A busca por influência estratégica no Oriente Médio estava intrinsecamente ligada às rotas comerciais, ao controle de recursos naturais e à consolidação de posições geopolíticas vantajosas. O Canal de Suez, por exemplo, era uma artéria vital para o comércio mundial e uma conexão estratégica entre o Mediterrâneo e o Oceano Índico. As potências europeias viam no controle dessa passagem uma vantagem crucial para garantir o acesso rápido às suas colônias na Ásia e na África, bem como para proteger suas rotas comerciais (Rogan, 2021, p. 321).

O Acordo Sykes-Picot, firmado em segredo em 1916, entre Sir Mark Sykes, representando o Reino Unido, e François Georges-Picot, representando a França, encapsulou as ambições dessas potências no Oriente Médio. Esse acordo foi projetado para estabelecer esferas de influência claras e definir áreas de controle conjunto. A divisão proposta do Oriente Médio entre franceses e britânicos, apesar de ser uma resposta às dinâmicas locais e ao desmembramento do Império Otomano, ignorou as aspirações e identidades culturais das comunidades na região. Conforme, Al-Marashi (2021, p. 11) “O Acordo Sykes-Picot, portanto, não apenas representou uma partilha geopolítica, mas também uma imposição arbitrária de fronteiras que teriam implicações duradouras nas dinâmicas étnicas e políticas no Oriente Médio”. O mapa 01 ilustra as regiões e países envolvidos no Acordo Sykes-Picot.

A exploração dessas motivações históricas revela não apenas a complexidade das relações internacionais pós-Primeira Guerra Mundial, mas também a semente de tensões duradouras na região. Destarte, “as potências europeias, embora tenham atuado em busca de seus próprios interesses, moldaram o destino do Oriente Médio de maneiras que continuam a ressoar nos conflitos e desafios enfrentados pela região nos dias de hoje” (Fisk, 2007, p. 142). Essa contextualização histórica é essencial para compreender as origens dos conflitos atuais e buscar caminhos para uma resolução mais justa e sustentável.

Mapa 01 – Regiões e países do Acordo Sykes-Picot



Fonte: BBC (2016).

A implementação do Acordo Sykes-Picot desencadeou uma série de desafios e contradições no Oriente Médio. As fronteiras artificiais estabelecidas não apenas ignoraram as diversidades étnicas e religiosas locais, mas também alimentaram rivalidades sectárias ao dividir comunidades historicamente interligadas. A imposição dessas fronteiras arbitrárias criou estados muitas vezes heterogêneos, onde grupos étnicos e religiosos diversos foram forçados a coexistir sob governos centralizados. Essa dinâmica intrincada semeou as sementes de conflitos internos que ecoam ao longo do tempo (Demant, 2015, p. 52).

A Declaração de Balfour, feita em 1917, trouxe outra dimensão à equação, especificamente ao abordar a questão da Palestina. O compromisso britânico de criar um "lar nacional para o povo judeu" na Palestina gerou tensões imediatas com a população árabe local. Nesse sentido, "[...] o choque entre a promessa feita aos sionistas e as

aspirações árabes, que esperavam autonomia e autodeterminação, adicionou uma camada adicional de complexidade à região” (Elias, 2011, p. 231).

As ocupações imperialistas da França e do Reino Unido agravaram ainda mais as tensões. A exploração de recursos, as intervenções nas estruturas políticas locais e o apoio a regimes favoráveis aos interesses europeus criaram um legado de desconfiança e instabilidade política. O impacto dessas ocupações reverbera nas crises contemporâneas que vemos em países como o Iraque e a Síria, onde as divisões sectárias são exacerbadas por histórias de intervenções externas (Hourani, 2016, p. 198).

Ao examinar esses eventos históricos entrelaçados, torna-se evidente que as potências europeias não apenas moldaram as fronteiras, mas também influenciaram profundamente as estruturas sociais e políticas da região. Nesse mesmo período, entre final do século XIX e início do século, foram desenvolvidas diferentes teorias de domínio e projeção geopolítica das potências europeias e Estados Unidos, seja por terra Halford John Mackinder (1861-1947) e sua área pivô-central, tônica maior de influência com pensamento geopolítico das duas grandes guerras europeias, ou por mar Alfred Thayer Mahan (1840-1914) (Myamoto, 1981).

O Oriente Médio, hoje, é um testemunho do desafio constante de reconciliar identidades diversas em estados artificialmente concebidos (Said, 2016). A compreensão desses antecedentes históricos é crucial para qualquer abordagem destinada a lidar com os complexos problemas do Oriente Médio, proporcionando uma base mais informada para soluções duradouras e justas.

3 O ACORDO SYKES-PICOT

O Acordo Sykes-Picot, concebido em 1916, reflete a confluência de interesses britânicos e franceses na reconfiguração do Oriente Médio pós-Primeira Guerra Mundial. O acordo, secretamente negociado por Sir Mark Sykes, representando o Reino Unido, e François Georges-Picot, representando a França, delineou as esferas de influência dessas potências em uma região marcada por séculos de história, cultura e diversidade étnica.

As disposições do Acordo Sykes-Picot foram fundamentais para a definição das fronteiras no Oriente Médio. A região foi dividida em zonas de controle francês e britânico, refletindo um entendimento colonialista que pouco considerava as nuances culturais e étnicas locais. A França recebeu o controle sobre partes do que hoje são Síria e Líbano, enquanto o Reino Unido recebeu controle sobre partes da Palestina e do Iraque. Além disso, algumas áreas foram designadas como internacionais ou sob influência russa (Visentini, 2014, p. 98).

Uma das contradições fundamentais do Acordo Sykes-Picot reside na discrepância entre suas disposições e as promessas feitas pela Declaração de Balfour. Enquanto o Acordo Sykes-Picot buscava estabelecer zonas de influência estrangeira no Oriente Médio, a Declaração de Balfour, emitida pelo governo britânico em 1917, prometia o estabelecimento de um "lar nacional para o povo judeu" na Palestina.

Essa divergência de compromissos criou tensões intrínsecas entre as agendas europeias na região, "[...] a promessa feita na Declaração de Balfour estava em desacordo direto com as disposições do Acordo Sykes-Picot, que delineavam zonas de controle francês na mesma região" (Lewis, 2004, p. 76). Essa contradição lançou as bases para conflitos futuros, alimentando as discordâncias entre comunidades árabes, judias e europeias na Palestina, bem como gerando ressentimentos entre os próprios europeus, com franceses e britânicos buscando avançar em direções que frequentemente entravam em conflito.

Essas contradições entre os acordos estabelecidos durante a Primeira Guerra Mundial desempenharam um papel crucial na formação do cenário político e étnico do Oriente Médio moderno, perpetuando desafios que persistem até hoje. A análise crítica desses documentos históricos é essencial para compreender as origens dos conflitos e tensões na região e para forjar abordagens mais equitativas em busca de soluções sustentáveis (Becker, 2010, p. 56).

O impacto do Acordo Sykes-Picot na demarcação de fronteiras no Oriente Médio foi profundo e duradouro. A divisão estabelecida pelas potências coloniais ignorou as identidades étnicas e culturais preexistentes na região, muitas vezes agrupando povos distintos sob a mesma entidade política. Essa abordagem fragmentada contribuiu para a criação de estados artificialmente concebidos, nos quais comunidades com histórias e interesses diversos foram forçadas a coexistir. O resultado foi uma complexa tapeçaria de fronteiras que, em vez de refletirem as realidades locais, frequentemente exacerbaram as tensões entre grupos étnicos e religiosos.

A contradição entre o Acordo Sykes-Picot e a Declaração de Balfour adicionou uma camada adicional de complexidade à região, especialmente na Palestina. A promessa de um 'lar nacional para o povo judeu' entrou em conflito direto com as zonas de influência atribuídas à França na Palestina pelo Acordo Sykes-Picot. Essa contradição não apenas gerou descontentamento entre as comunidades árabes locais, mas também alimentou disputas entre as potências europeias envolvidas (Correia, 2018, p. 154).

Além disso, as fronteiras arbitrárias estabelecidas pelo Acordo Sykes-Picot continuam a ser um fator desestabilizador na região. Países como Iraque e Síria, concebidos sob a influência do acordo, enfrentam desafios significativos em sua coesão interna devido à diversidade étnica e religiosa forçada sob uma única entidade política. Analogamente, “[...] a persistência dessas divisões históricas é evidente nos conflitos internos, nas lutas pelo poder e nas tensões sectárias que caracterizam muitos desses estados” (Nassoulié, 1994, p. 154).

Em suma, o acordo Sykes-Picot

[...] é emblemático da intervenção europeia no Oriente Médio, onde considerações coloniais e interesses estratégicos prevaleceram sobre a autodeterminação das populações locais. A compreensão aprofundada desse legado histórico é essencial para se abordar os desafios atuais na região de maneira mais eficaz (Olic, 1991, p. 32).

A reflexão sobre as consequências dessas intervenções passadas deve informar as abordagens contemporâneas, visando uma compreensão mais holística e justa das dinâmicas do Oriente Médio.

4 A DECLARAÇÃO DE BALFOUR E O MANDATO BRITÂNICO NA PALESTINA

A Declaração de Balfour, emitida em 1917 pelo governo britânico, representou uma mudança significativa nas dinâmicas do Oriente Médio ao prometer o estabelecimento de um "lar nacional para o povo judeu" na Palestina. Sir Arthur Balfour, o então Ministro das Relações Exteriores britânico, expressou o apoio oficial à ideia do sionismo, movimento que buscava o estabelecimento de um Estado judeu na Palestina (Gomes, 2001, p. 160).

A promessa contida na Declaração de Balfour teve um impacto imediato e duradouro na questão palestina. Ao adotar uma posição que favorecia a criação de um lar nacional judaico, os britânicos geraram descontentamento e tensões entre as comunidades árabes locais, que constituíam a maioria da população na região. Para Demant (2015), a promessa britânica foi percebida como uma quebra de compromisso em relação às aspirações árabes à autodeterminação e independência, muito ao encontro de uma visão voltada para maior e melhor definição das fronteiras, tal como refletido anos depois por Ancel (1938) em sua *Géographie desfrontières* ou mesmo o espaço vital germânico – com a prerrogativa da jurisprudência de tais fronteiras cabendo ao império dominante na época.

A promessa de um “lar nacional para o povo judeu” era ambígua em relação ao que significaria na prática e à maneira como isso afetaria a população árabe local. O aumento da imigração judaica para a Palestina e a compra de terras por judeus exacerbaram as tensões, uma vez que isso levou à perda de terras para os palestinos e à transformação da demografia da região.

O impacto da Declaração de Balfour foi intensificado pelo subsequente Mandato Britânico na Palestina, que começou em 1920 e durou até 1948. Durante esse período, as tensões entre as comunidades judaica e árabe aumentaram, alimentadas pela ambiguidade da Declaração de Balfour e pela administração britânica que muitas vezes favorecia um grupo em detrimento do outro (Memmi, 2007, p. 73).

Essas tensões culminaram na Guerra Árabe-Israelense de 1948 e na criação do Estado de Israel. A herança da Declaração de Balfour permanece como um elemento central nas negociações de paz na região até os dias de hoje, evidenciando a complexidade e as ramificações duradouras de decisões históricas no Oriente Médio. O impacto da declaração continua a ser sentido nas disputas territoriais, nas relações interpessoais e nas questões políticas que persistem entre israelenses e palestinos.

A Declaração de Balfour e o subsequente Mandato Britânico na Palestina também tiveram implicações profundas no desenvolvimento político e social da região. A ambiguidade da declaração abriu caminho para interpretações conflitantes sobre o futuro da Palestina, exacerbando as tensões entre judeus e árabes. O Mandato Britânico, ao assumir a administração direta da região, enfrentou desafios significativos para equilibrar as aspirações divergentes das comunidades judaica e árabe (Soon, 2011, p. 89).

A migração judaica para a Palestina aumentou durante o Mandato Britânico, intensificando as disputas territoriais e as tensões sociais. Conforme Visentini (2014), a formação de comunidades judaicas autônomas e a aquisição de terras muitas vezes levaram a confrontos com a população árabe local, resultando em ciclos de violência e hostilidades. A instabilidade política, combinada com a resistência à presença britânica, tornou o Mandato uma era tumultuada na história da Palestina.

O impacto da Declaração de Balfour e do Mandato Britânico ecoa nas controvérsias contemporâneas, contribuindo para a persistente questão do status de Jerusalém, das fronteiras e dos direitos dos refugiados palestinos. A herança desses eventos históricos alimenta ainda debates sobre justiça, autodeterminação e coexistência na região. Para Rogan (2021), a Declaração de Balfour, que inicialmente visava garantir o apoio sionista durante a Primeira Guerra Mundial, inadvertidamente deu forma a um capítulo crucial na



história do conflito israelense-palestino. A compreensão desses eventos é crucial para se abordar os desafios contemporâneos e buscar caminhos para uma resolução justa e sustentável.

A implementação do Mandato Britânico na Palestina também testemunhou a dificuldade em conciliar as promessas conflitantes feitas durante a Primeira Guerra Mundial. O cenário se complicou ainda mais com o aumento das tensões entre as comunidades judaica e árabe, bem como o surgimento de movimentos nacionalistas e independentistas em ambas as partes. O impacto duradouro dessas dinâmicas históricas é evidente nas narrativas concorrentes sobre a criação do Estado de Israel em 1948 e na Nakba (catástrofe), que marcou a expulsão de centenas de milhares de palestinos de suas terras (Fromkin, 2008, p. 45).

A herança da Declaração de Balfour e do Mandato Britânico continua a moldar as relações internacionais na região. Conforme Rogan (2021, p. 309) “a comunidade internacional frequentemente se encontra envolvida em esforços para mediar o conflito, buscando soluções que considerem as aspirações legítimas tanto dos israelenses quanto dos palestinos”. No entanto, as profundas raízes históricas do conflito muitas vezes complicam esses esforços, pois as feridas abertas pelo Mandato Britânico e pela Declaração de Balfour permanecem sensíveis para muitas comunidades.

Em resumo, a Declaração de Balfour e o Mandato Britânico são elementos cruciais na formação do panorama político e social do Oriente Médio moderno. Nesse sentido, “[...] ao compreender os impactos desses eventos e suas interconexões, podemos lançar luz sobre os desafios complexos que persistem na região, abrindo caminho para diálogos mais informados e soluções duradouras” (Visentini, 2014, p. 103). O exame crítico desses capítulos históricos é uma ferramenta essencial para promover uma compreensão mais profunda e, potencialmente, contribuir para a construção de um futuro mais pacífico e equitativo.

5 OCUPAÇÕES IMPERALISTAS E DIVISÕES GEOPOLÍTICAS

As ocupações imperialistas britânicas e francesas na região do Oriente Médio durante o século XX deixaram uma marca profunda que ressoa até os dias de hoje (Darwin, 1999; Ker-Lindsay; Williams, 2008; Thomas, 2017). Um exemplo emblemático foi a ocupação britânica no Iraque após a Primeira Guerra Mundial. A Liga das Nações concedeu um mandato para a Grã-Bretanha administrar a região, resultando em uma série de desdobramentos significativos. A administração britânica favoreceu a minoria governante



sunita, exacerbando as tensões sectárias entre sunitas e xiitas, uma dinâmica que ainda persiste nas complexidades políticas iraquianas contemporâneas.

Da mesma forma,

A ocupação francesa na Síria e no Líbano pós-Primeira Guerra Mundial desempenhou um papel vital na formação das estruturas políticas e étnicas da região. O mandato francês na Síria viu a criação de entidades políticas artificiais e a imposição de divisões administrativas que, em muitos casos, negligenciavam as afinidades culturais e étnicas das comunidades locais. Essas decisões contribuíram diretamente para as tensões sectárias que ainda afligem a Síria hoje (Soon, 2011, p. 91).

Além disso, o Mandato Britânico na Palestina, conforme estabelecido pela Liga das Nações após a Primeira Guerra Mundial, também exemplifica o impacto dessas ocupações na região. No pensamento de Memmi (2007), a gestão britânica intensificou as tensões entre comunidades judaicas e árabes, culminando na criação do Estado de Israel em 1948 e desencadeando conflitos duradouros entre israelenses e palestinos.

As ocupações imperialistas, ao introduzirem fronteiras arbitrárias, sistemas de governo favorecidos e divisões sectárias, moldaram as dinâmicas políticas e étnicas na região do Oriente Médio. Muitas das fronteiras desenhadas durante esses períodos de ocupação não refletiam as realidades sociais e culturais, levando a divisões internas, rivalidades sectárias e instabilidade política.

O impacto dessas intervenções coloniais continua a ser sentido na instabilidade política persistente, nos conflitos étnicos e nas divisões sectárias que caracterizam muitos países da região. Entender essas ocupações é crucial para compreender a complexidade das dinâmicas atuais no Oriente Médio e para explorar caminhos rumo a uma estabilidade mais duradoura (Demant, 2015, p. 91).

A exploração imperialista britânica e francesa também se estendeu ao longo do século XIX, quando essas potências buscaram consolidar suas influências na região do Levante, compreendendo áreas que hoje fazem parte de países como Líbano, Síria, Palestina e Jordânia. Conforme Gomes (2001, p. 158), “[...] o exemplo notável foi a influência francesa no Líbano, onde a França procurou proteger os interesses cristãos, estabelecendo um sistema confessional que designava cargos governamentais com base na afiliação religiosa. Essa divisão sectária perdurou ao longo do tempo, contribuindo para a complexa matriz política libanesa, onde a identidade sectária desempenha um papel central.

“No Egito, a ocupação britânica do início do século XX teve implicações significativas. Inicialmente destinada a proteger os interesses do Canal de Suez, a presença britânica evoluiu para uma ocupação mais ampla” (Olic, 1991, p. 32). O nacionalismo egípcio se opôs a essa presença estrangeira, culminando na Revolução Egípcia de 1952, que resultou na retirada britânica, mas deixou para trás um legado de instabilidade política e um relacionamento complexo entre o Egito e potências ocidentais.

As ocupações imperialistas também moldaram as relações contemporâneas entre o Oriente Médio e as potências globais. A herança dessas intervenções é visível nas políticas externas adotadas pelas potências coloniais e na resposta dos estados da região a influências estrangeiras. As dinâmicas complexas e, muitas vezes, tumultuadas entre o Oriente Médio e as potências ocidentais destacam a necessidade de uma análise aprofundada das raízes históricas para compreender os desafios enfrentados atualmente. A compreensão desses eventos históricos é crucial para forjar relações mais equitativas e respeitosas entre o Oriente Médio e o resto do mundo (Nassoulié, 1994, p. 154).

A ocupação imperialista britânica também deixou uma marca significativa no Golfo Pérsico, onde a descoberta de petróleo nas décadas de 1920 e 1930 transformou a dinâmica regional. Conforme Correia (2018, p. 154) “[...] o Reino Unido desempenhou um papel central na exploração e controle dos recursos petrolíferos na região, estabelecendo acordos e alianças que moldaram não apenas a economia, mas também as estruturas de poder”. A criação de estados como o Kuwait e a influência britânica no desenvolvimento da Arábia Saudita exemplificam como as decisões imperialistas influenciaram as linhas geopolíticas e econômicas na região.

A ocupação britânica do Irã durante a Segunda Guerra Mundial também foi um episódio crucial. Com o temor de uma possível invasão alemã através do Irã, os britânicos e soviéticos ocuparam o país em 1941, resultando na abdicação do Xá Reza Pahlavi em favor de seu filho, Mohammad Reza Pahlavi, “[...] esse evento, embora tenha removido simpatizantes nazistas do poder, contribuiu para crescentes sentimentos anticoloniais no Irã e, eventualmente, desencadeou eventos que levaram à Revolução Islâmica em 1979 (Becker, 2010, p. 56).

Em suma, as ocupações imperialistas britânicas e francesas no Oriente Médio e no Golfo Pérsico tiveram um impacto duradouro, influenciando não apenas as estruturas políticas e econômicas, mas também as relações internacionais e as percepções das populações locais. A compreensão desses eventos é fundamental para contextualizar as



dinâmicas contemporâneas e para informar abordagens mais equitativas nas relações entre as nações do Oriente Médio e o resto do mundo.

6 RAMIFICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

As intervenções imperialistas britânicas e francesas no Oriente Médio têm repercussões profundas nas configurações políticas contemporâneas da região, contribuindo significativamente para questões de instabilidade, conflitos étnicos e rivalidades regionais, em continuidades e descontinuidades das proposições de domínio geopolítico, marítimo, terrestre e aéreo do início do século XX, agora transmutados e/ou expandidas para perspectivas simbólicas, culturais, informacionais, do século XXI. Um exemplo claro é a instabilidade política persistente no Iraque, resultante em grande parte da administração britânica pós-Primeira Guerra Mundial.

A preferência dada à elite sunita durante o Mandato Britânico criou desequilíbrios sectários que culminaram em conflitos internos, especialmente após a invasão liderada pelos Estados Unidos em 2003, contribuindo para a fragmentação política e a ascensão de grupos extremistas.

A Síria, sob o domínio francês, também enfrenta desafios profundos relacionados às divisões sectárias estabelecidas durante o Mandato Francês. O regime alauíta liderado por Bashar al-Assad, apoiado historicamente pelos franceses, enfrenta oposição de grupos sunitas, exacerbando tensões sectárias e resultando na devastadora guerra civil que começou em 2011. Para Lewis (2004, p. 79) “[...] a intervenção estrangeira na Síria por várias potências regionais e globais também está intrinsecamente ligada às linhas desenhadas durante o Mandato Francês. Ademais,

A questão palestina, derivada do Mandato Britânico na Palestina e das promessas conflitantes feitas pela Declaração de Balfour, continua a ser uma fonte inesgotável de tensões. A criação do Estado de Israel em 1948 e os conflitos subsequentes resultaram em uma diáspora palestina, contribuindo para as hostilidades intermináveis e a instabilidade na região (Visentini, 2014, p. 102).

Além disso, as rivalidades regionais entre Estados do Golfo, muitas vezes exacerbadas pelas manipulações coloniais, persistem como um desafio constante. As divisões entre sunitas e xiitas, por exemplo, são frequentemente utilizadas para fins políticos, contribuindo para a polarização e os conflitos sectários em países como Arábia Saudita e Irã.



O Oriente Médio contemporâneo é um mosaico complexo de desafios, e muitos desses desafios têm raízes nas intervenções coloniais do passado. As dinâmicas políticas e étnicas que emergiram dessas intervenções continuam a influenciar profundamente a região, destacando a importância de uma análise crítica desses eventos históricos para informar abordagens mais eficazes na promoção da estabilidade e paz no Oriente Médio (Said, 2016, p. 298).

As intervenções imperialistas no Oriente Médio também deixaram um legado de exploração econômica que contribui para as dinâmicas contemporâneas da região. A exploração britânica do petróleo no Golfo Pérsico, por exemplo, moldou as economias dos estados do Golfo, transformando-os em gigantes petrolíferos, mas também criando dependências e desequilíbrios econômicos internos. Para Hourani (2016), as questões relacionadas ao controle e à distribuição dos recursos naturais desempenham um papel central nas rivalidades regionais, adicionando uma dimensão econômica às tensões políticas.

Além disso, as intervenções também influenciaram

[...] as relações internacionais do Oriente Médio, muitas vezes colocando os países da região em um jogo complexo de alianças e rivalidades globais. A Guerra Fria viu o Oriente Médio tornar-se um campo de batalha para influências ocidentais e soviéticas, exacerbando ainda mais as instabilidades locais. As relações contemporâneas entre atores globais, como Estados Unidos, Rússia e potências europeias, continuam a ser influenciadas por esse legado histórico (Elias, 2011, p. 237).

As divisões sectárias que surgiram durante as ocupações imperiais também alimentam conflitos na região, destarte, “[...] o sectarismo, muitas vezes manipulado por atores políticos para avançar suas agendas, está na raiz de muitos dos conflitos armados, como as guerras no Iraque e na Síria” (Demant, 2015, p. 73). Essas divisões contribuem para a fragmentação do tecido social e político, dificultando a formação de governos inclusivos e a busca por soluções sustentáveis para os conflitos. Em última análise,

[...] compreender as ramificações contemporâneas das intervenções imperialistas no Oriente Médio é essencial para desenvolver estratégias eficazes de resolução de conflitos e para promover uma paz duradoura na região. A análise crítica desses eventos históricos fornece insights valiosos sobre as complexas interconexões entre passado e presente, informando abordagens mais holísticas para lidar com os desafios atuais no Oriente Médio (Fisk, 2007, p. 121).

A exploração imperialista no Oriente Médio também moldou as estruturas de poder, contribuindo para a emergência de regimes autocráticos que persistem até hoje. Muitos



Líderes locais foram instalados ou apoiados pelas potências coloniais em troca da garantia de estabilidade para seus interesses econômicos e estratégicos. Conforme Al-Marashi (2021, p. 20), “[...] esse modelo de governança muitas vezes resultou em regimes autoritários que restringem a participação política e perpetuam desigualdades sociais, alimentando o descontentamento popular e, por vezes, levando a levantes e revoluções.

As intervenções também deixaram um impacto duradouro na percepção pública do Ocidente no Oriente Médio, “[...] o ressentimento histórico em relação às potências coloniais influencia as atitudes em relação às políticas externas contemporâneas, contribuindo para o anti-ocidentalismo em certas regiões” (Rogan, 2021, p. 321). Isso cria um terreno fértil para movimentos políticos e grupos que se opõem à influência estrangeira, complicando as relações diplomáticas e a busca por estabilidade na região. Não obstante,

[...] as intervenções imperialistas desencadearam movimentos nacionalistas e redefiniram identidades na região. A resistência contra o domínio estrangeiro muitas vezes unificou comunidades em torno de identidades nacionais emergentes. Contudo, a demarcação de fronteiras arbitrárias durante as ocupações contribuiu para a fragmentação de grupos étnicos e religiosos, alimentando tensões internas que persistem até hoje (Fromkin, 2008, p. 83).

A promoção de uma estabilidade duradoura no Oriente Médio requer não apenas abordagens pragmáticas para resolver conflitos imediatos, mas também uma compreensão sensível e respeitosa das complexas dinâmicas históricas e culturais da região.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções da França e do Reino Unido no Oriente Médio, notadamente por meio do Acordo Sykes-Picot e da Declaração de Balfour, desempenharam papéis cruciais na configuração das atuais dinâmicas e desafios na região. O Acordo Sykes-Picot estabeleceu fronteiras arbitrárias, ignorando as realidades culturais e étnicas locais, enquanto a Declaração de Balfour criou promessas contraditórias que contribuíram para a questão palestina e a formação do Estado de Israel. As ocupações imperialistas britânicas e francesas também moldaram as estruturas políticas, econômicas e sociais, sem esquecer as divisões sectárias que persistem como fontes de conflito.

Compreender essas raízes históricas é crucial para abordar os desafios contemporâneos no Oriente Médio. A instabilidade política, os conflitos étnicos, as rivalidades regionais e as questões econômicas são intrinsecamente ligadas ao legado



dessas intervenções coloniais. A divisão arbitrária de territórios e o apoio a líderes autocráticos criaram um terreno propício para o descontentamento, alimentando movimentos de resistência e instabilidade.

A importância de entender essas relações históricas reside na capacidade de informar abordagens mais eficazes para a resolução de conflitos no presente. A consciência crítica desses eventos históricos fornece insights valiosos sobre as origens dos problemas enfrentados atualmente no Oriente Médio. Ao considerar as nuances dessas intervenções, os formuladores de políticas podem desenvolver estratégias mais sensíveis, justas e sustentáveis para promover a estabilidade e a paz na região.

Portanto, instiga-se uma reflexão contínua sobre como o conhecimento dessas relações históricas pode orientar esforços contemporâneos para construir uma paz duradoura no Oriente Médio. Ao reconhecer e abordar as raízes históricas dos conflitos, há uma oportunidade de desenvolver soluções mais eficazes e compassivas, respeitando as aspirações das diversas comunidades na região e promovendo uma cooperação construtiva entre as nações envolvidas.

No âmago das contribuições da França e do Reino Unido para o conflito no Oriente Médio está a necessidade de considerar as consequências não intencionais e os desdobramentos de suas ações históricas. As intervenções imperialistas dessas potências europeias não apenas moldaram as fronteiras e estruturas políticas, mas também deixaram cicatrizes profundas nas identidades e relações regionais. As complexidades das dinâmicas sociais, étnicas e religiosas da região foram frequentemente desconsideradas em favor de interesses estratégicos e geopolíticos, gerando uma herança de divisões que persistem por gerações.

Compreender essas raízes históricas oferece uma visão crítica para a análise dos conflitos contemporâneos no Oriente Médio. O conhecimento aprofundado sobre as intervenções passadas é vital para evitar abordagens simplistas que negligenciam as nuances culturais e históricas da região. O reconhecimento desses elementos é essencial para se evitar a repetição de erros históricos e para forjar soluções mais eficazes e duradouras.

A consciência desses eventos históricos também pode catalisar esforços para a reconciliação e a construção de pontes entre as comunidades afetadas. Ao compreender as origens dos conflitos e reconhecer a complexidade das identidades locais, as partes envolvidas podem buscar diálogos construtivos que respeitem as diversas perspectivas e



aspirações. A história não apenas aponta para os erros do passado, mas também oferece lições valiosas sobre como avançar em direção a uma coexistência pacífica e justa.

Em última análise, a abordagem das relações históricas entre a França, o Reino Unido e o Oriente Médio deve ser conduzida com empatia e uma vontade genuína de compreender as complexidades inerentes. O desafio está em transformar esse entendimento em ações concretas, promovendo uma narrativa de cooperação, respeito mútuo e busca comum por um futuro mais estável e harmonioso para a região.

REFERÊNCIAS

- AL-MARASHI, I. **Uma história concisa do oriente médio**. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- ANCEL, J. **Géographie desfrontières**. Paris: Gallimard, 1938.
- BBC. Sykes-Picot: o acordo secreto que está na raiz de conflitos no Oriente Médio. **BBC News Brasil**. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36320891>. Acesso em: 23 set. 2025.
- BECKER, B. **Manual de geografia**. BRASIL: FUNAG, 2010.
- CORREIA, P. **Manual de Geopolítica e Geoestratégia**. Lisboa: Edições 70, 2018.
- DARWIN, J. An undeclared empire: The British in the middle east, 1918–39. The **Journal of Imperial and Commonwealth History**, v. 27, n. 2, p. 159-176, 1999. Disponível em: <https://journals.scholarsportal.info/browse/03086534>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- DEMANT, P. **O mundo muçulmano**. 3^a edição. São Paulo: Contexto, 2015.
- ELIAS, J. **Islamismo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- FISK, R. **A grande guerra pela civilização**. A conquista do Oriente Médio. São Paulo: Planeta, 2007.
- FROMKIN, D. **Paz e guerra no Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Contra-ponto, 2008.
- GOMES, A.R. **A questão da Palestina e a fundação de Israel**. 2001. 142 f. Dissertação de Mestrado em Ciência Política – Departamento de Ciência Política. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KER-LINDSAY, J.; WILLIAMS, A. Editorial: the Commonwealth and the Middle East. **Round Table: the Commonwealth Journal of International Affairs**, 97 (397). pp. 515-517, 2008



LEWIS, B. **A crise do islã: guerra santa e terror profano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MEMMI, A. **Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MYAMOTO, S. **Os estudos geopolíticos no Brasil:** Uma contribuição para sua avaliação. Perspectivas. São Paulo, v. 4.p.75-92, 1981.

NASSOULIÉ, F. **Os conflitos do Oriente Médio - Século XX.** Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 1994.

OLIC, N. B. **Oriente Médio:** uma região de conflitos. 13. ed. São Paulo: Moderna, 1991.

ROGAN, E. **Os árabes:** uma história. Rio de Janeiro: Zahar 2021.

SAID, E. W. **Orientalíssimo:** o Oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SOON, T. **Uma breve história do islã.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

THOMAS, M. **The French Empire between the wars:** imperialism, politics and society. Manchester University Press, 2017.

VISENTINI, P. **O grande oriente médio:** da descolonização à primavera árabe. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

